ALBERTO SOUZA

Gravura Popular

I

Imprensa da Universidade
Coimbra, 1915

ALBERTO SOUZA

Gravura Popular

I

Imprensa da Universidade
Coimbra, 1915

Separata dos *Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal.*

Vol. I, n.º 2

Gravura popular

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA GRAVURA EM PORTUGAL: UMA CURIOSA RELAÇÃO DE ALGUNS GRAVADORES PORTUGUESES

Entre a esplendida e valiosa colecção de gravuras e documentos iconográficos da Biblioteca Nacional de Lisboa, colecção enriquecida com exemplares magnificos das pastas e álbuns que pertenceram a Cifka e Figanière, existem dois álbuns com manuscritos, registos gravados, papeis recortados, vinhetas, fragmentos de sedas e pergaminhos encontrados em livros que pertenceram aos extintos conventos, e que o espírito investigador de Gabriel Pereira colecionou com o disvelo e amor do homem que amava o passado.

Gravura de José Lucio

Os registos de imagens que a devoção religiosa doutros tempos levava ingenuamente a adorar, despertaram-me particular interesse, não só pela quantidade, que se eleva a mais de duas mil e quinhentas especies, como tambem pelos nomes de gravadores que em algumas se vêem apontados.

A gravura popular, como bem se pode chamar, teve entre nós algum desenvolvimento e houve, em Lisboa principalmente, oficinas onde se executaram bastantes gravuras que, embora fossem inferiores como desenho, não deixaram de marcar um período interessante na história do movimento artístico em Portugal.

As *Memórias* de Cyrillo Wolkmar Machado, a *Lista de alguns artistas portugueses,* do bispo-conde D. Francisco, *O Diccionario* de Rackzinski, e as *Notas sobre Gravura em Portugal,* de Sousa Viterbo, não apontam os nomes de muitos artistas gravadores que, na sua modéstia e obscuridade, não conseguiram os primores de buril com que Bartolozzi, Joaquim Carneiro da Silva, Gregório Francisco Queirós, Gaspar Froes e outros nos maravilharam, deixando inumeras provas do seu talento.

Gravura de Manuel da Silva Godinho

É certo que muitos estrangeiros vieram a Portugal no reinado de D. João V exercer a arte de gravar, como Debrie, Carpinetti, Rochefort, Harrewyn, De Grampré, etc., e que estes deviam ter influido no desenvolvimento da gravura; mas o que tambem é certo, é que muitos dos nossos não foram inferiores áqueles em perfeição e finura de trabalho.

É, pois, minha intenção deixar anotados nesta pequena notícia os nomes de alguns dêsses modestos cultivadores da gravura artística, que exerceram a indústria popular das portadas, vinhetas, letras ornamentadas e registos de imagens desde o século XVIII até meados do século XIX.

Antes, porêm, de fazer a relação de alguns nomes, desejo referir-me às casas de venda de estampas, onde decerto existiriam, por vezes, oficinas de gravura.

As estampas, algumas eram vendidas avulso pelos cegos das folhinhas, (Rackzinski diz que Manuel da Silva Godinho só trabalhava *para os vendilhões*) e outras recordam, pela designação das ruas escusas, pequeninas lojas ou casas particulares onde porventura se iriam comprar com mais devoção, num local apropriado á superstição popular, as reproduções de imagens privilegiadas pelo número de indulgências concedidas a quem resásse tantos Padre Nossos ou Avé Marias. Ha registos de santos para todas as enfermidades e todos os perigos: é o santo advogado das mortes repentinas, dos terremotos (estes fizeramse em bastante quantidade depois do terremoto de 1755), dos atribulados, dos leprosos, — emfim, uma série infinita de protectores da humanidade, que a crendice do povo guardava devotamente, muitas vezes trazendo-os ao pescoço e cosidos comsigo no vestuário, para que nunca os abandonasse êste ou aquele santo de mais prestígio.

Gravura de Almeida (R. E.)

Encontro, em registos gravados, a seguinte indicação de locais de venda:

— Francisco Manuel Pires, no fim da rua do Passeio.

— José Luis Pinheiro, nas casas do Robim, ao Chiado.

— Manuel Antonio, ao Jardim do Tabaco, n.º 12.

— Rua dos Retrozeiros, loja n.º 118.

— Francisco Luiz Pinheiro, defronte dos Martyres.

— Estamparia da Rua de S. Paulo.

— Fabrica de estampas, Rua do Passeio, n.º 2.

— José da Fonseca, ao Arsenal.

— José Antonio Ramalho, á Patriarchal Queimada.

— Antonio Joaquim Ribeiro, na Rua da Padaria, n.º 17.

— Manuel d'Ambrosy J.^or^, na Rua dos Calafates, n.º 116.
— Praça do Commercio, loja n.º 6.
— Rua de João Braz, n.º 31, ao Poço Novo.
— Travessa da Portugueza, n.º 20, ás Chagas.
— Ao Salitre, n.º 296, 3.º andar.
— Travessa de S. Domingos, n.º 60.
— Rua do Salitre, 47.
— Praça do Comercio, n.º 1.
— Rua do Ouro, loja n.º 6.
— Rua Nova do Almada, 45.
— Rua de S. Paulo, n.º 216.
— Largo do Camões, 85 — Rocio.
— Loja de João Henriques, na rua Augusta, n.º 1.
— Á Patriarchal Queimada, na Rua do Jasmim, n.º 12.

NOMES DOS GRAVADORES

Almeida (R. E.).
Anastacio (Joaquim).
Anjos.
Bruno (Neves) — Porto.
Carvalho (T. J.).
Castro (M. A. de) — 1840.
Clemente.
Correia (Manuel).
Correia J.º^r^ (Manuel) — Coimbra.
Costa (R. J. da) — Porto.
Costa (R. J. da) *e filha, gr. Porto — Rua das Virtudes, n.º* 2.
Fontes (L. M.) — 1832.
Francisco — Porto.
Freire (Francisco).
(Freire) Manuel.
Gayo (B. F.).
Girão (E. J. F.) — 1775.
Godinho (Manuel da Silva) — 1799.
Lemos (J. C. de) — Porto.
Lemos (Sebastião de).
Lucio (José) — 1783.
Machado (G. F.).

Marques (José Joaquim).
Neves (Francisco da Silva).
Padrão (Antonio Joaquim) com a seguinte nota: — *abriu, móra na Rua da Bella-Vista ao Quelhas.*
Pardal.
Pedro (J. J.) — 1766.
Quinto.
Ramalho (José Antonio).
Rocha (Joaquim Manuel da).
Santos (A. dos) — Porto.
Xavier (Januario Antonio).
Zuzarte.

Maior seria a lista dos nomes de gravadores, se muitos dos registos não estivessem recortados ou aparados, de forma que os nomes, quási sempre gravados na margem junto ao desenho, desapareceram.

Numa próxima notícia sôbre as gravuras da colecção da Biblioteca, procurarei aumentar esta lista, convencido de que concorrerei com algum subsídio para a história da arte da gravura em Portugal.